

## Santos, Boaventura de Sousa (2020), *O futuro começa agora – Da pandemia à utopia*

Boaventura Monjane

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/eces/6442>

DOI: 10.4000/eces.6442

ISSN: 1647-0737

### Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

### Referência eletrónica

Boaventura Monjane, «Santos, Boaventura de Sousa (2020), *O futuro começa agora – Da pandemia à utopia*», *e-cadernos CES* [Online], 35 | 2021, posto online no dia 10 dezembro 2021, consultado o 15 dezembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/eces/6442> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.6442>

---



# Recensões

**SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA (2020), *O FUTURO COMEÇA AGORA – DA PANDEMIA À UTOPIA*. LISBOA: EDIÇÕES 70, 542 PP.**

Sociólogo insigne, Boaventura de Sousa Santos presenteou-nos, já quase no fim de 2020, com uma obra imponente que versa sobre a recente pandemia de covid-19, mas aborda temáticas que vão muito além dela.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, o autor procura “dar uma visão tão panorâmica quanto possível da devastação causada pelo coronavírus, da história longa que o precedeu, das causas que determinaram o modo como escolheu as suas vítimas privilegiadas, das consequências que daí advieram, das actuações dos Estados e das comunidades frente a um perigo de dimensões imprevistas” (p. 17). Na segunda, Santos dispõe-se a “dar credibilidade à ideia de que o século XXI pode ser um começo de época, uma nova época assente na ideia de que a natureza não nos pertence, nós é que pertencemos à natureza. As implicações que daí decorrem são as linhas da longa transição para um novo modelo civilizacional pós-capitalista, pós-colonial e pós-patriarcal” (pp. 17-18). Exporei de seguida, sucintamente, algumas ideias e argumentos que me parecem centrais e notáveis e que interessam pela potencialidade que têm de influir e inspirar processos de participação, organização e mobilização política por um melhor mundo pós-pandemia.

O autor argumenta que a eclosão da pandemia do coronavírus SARS-CoV-2 marca, agora sim, o começo do século XXI, da mesma forma que o século XIX foi marcado pela Revolução Industrial e o século XX pela Primeira Guerra Mundial e pela Revolução Russa. Santos antevê que esta crise pandémica irá condicionar a vida humana nas próximas décadas ao inscrever-se como um novo marcador da vida social na história.

Tal como bem assevera, a atual crise pandémica é, essencialmente, uma crise do capitalismo (por si provocada), devido ao excessivo extrativismo e à mercantilização da

natureza, interferindo nos ciclos vitais da natureza e nos *habitats* dos animais selvagens – desencadeando, em grande parte, alterações climáticas. Para além da exploração sem limites dos recursos naturais, o autor encontra ainda uma relação com a apropriação e a discriminação, no passado histórico e hoje, “contra tudo o que foi considerado mais próximo da natureza, fossem escravos, mulheres ou povos indígenas” (p. 47). Mas o capitalismo fez da pandemia o que tem feito da vida humana e da natureza: transformá-la num negócio. Afinal, associada à crise ecológica, ao aquecimento global e a outros desastres ambientais, esta pandemia é o marcador de uma nova fragilidade estrutural da vida humana no planeta.

Símbolo da globalização e assolando tanto o Norte quanto o Sul globais, serão – e estão já a ser – as classes mais vulneráveis as que mais perecerão, uma vez que em momentos de crise as injustiças sociais tendem a ser reproduzidas e reforçadas. Uma das maiores tragédias nesta pandemia do novo coronavírus foi a forma como foram impostos os regulamentos para a sua contenção, ditando as mesmas regras de higienização, quarentena e confinamento a pessoas socialmente diferenciadas. A realidade é que a maioria dos grupos sociais vulneráveis, incluindo as classes médias tipicamente vulneráveis ao longo do Sul global, não têm condições para ficarem confinadas porque precisam da rua para ganhar o seu sustento. A isto acrescenta-se o potencial aumento da retórica homofóbica e transfóbica em ambientes familiares ou de coabitantes hostis, que não apoiam as mulheres e/ou minorias sexuais, o que contribuiu para aumentar a exposição à violência, à ansiedade e à depressão (p. 194). A pandemia veio, portanto, potenciar as vulnerabilidades acumuladas em razão do género, revelando-se particularmente difícil para as mulheres e, nalguns casos, mesmo perigosa (p. 187).

Em vários países, os governos intensificaram o autoritarismo e ativaram seus aparatos repressivos para forçar o cumprimento das medidas de confinamento. Na África Austral, este foi o caso no Zimbabwe, no Botswana, em Moçambique e na África do Sul. O governo deste último país mobilizou quase todo o exército para se juntar à polícia no forçamento do cumprimento dos regulamentos quando decretou o estado de desastre. Vários casos de violação democrática, abusos policial e militar foram reportados, principalmente em regiões e bairros pobres na região, infringindo a legislação e os direitos humanos. Quando teve de escolher, o Estado uniu-se ao capital, reprimindo as populações do setor informal, principalmente no campo do provisionamento de alimentos.<sup>1</sup> Como Santos descreve, “verificar o cumprimento da quarentena foi mais um espectáculo de repressão do que de protecção” (pp. 177-178).

---

<sup>1</sup> Monjane, Boaventura (2020), “Confronting State Authoritarianism: Civil Society and Community-Based Solidarity in Southern Africa”, in Marina Sitrin; Colectiva Sembrar (orgs.), *Pandemic Solidarity: Mutual Aid During the Covid-19 Crisis*. London: Pluto Press, 105-120.

Apesar disto, iniciativas comunitárias de resistência e auto-organização emergiram em número significativo e desafiaram o autoritarismo e a impotência do Estado em proteger os seus cidadãos. Santos dá exemplos de algumas destas iniciativas de solidariedade por parte de organizações comunitárias confrontando o Estado (na Bolívia e na Turquia), de organizações comunitárias em cooperação com o Estado (em Moçambique), de organizações populares rurais e urbanas da América Latina perante o abandono do Estado (no Brasil, na Argentina e na Colômbia) e de povos indígenas da América Latina, a sua maioria à margem do Estado, apresentando ainda boas práticas de unidades político-administrativas subnacionais ou autónomas (na Índia, no Brasil e em Rojava) (cap. 7).

Uma das virtudes deste livro é a de ter podido trazer uma perspetiva “antipresentista”, sendo contra “a negação radical e simultânea do historicismo e do futurismo” (p. 23) e contextualizar a chegada do novo coronavírus dentro de uma perspetiva de *longue durée*, no processo histórico que coincide com o transcurso do desenvolvimento do próprio capitalismo e mais recentemente – nas últimas quatro décadas – do neoliberalismo. A diferença entre esta pandemia e as outras que a humanidade conheceu é que esta eclode numa época particular do capitalismo global em que o neoliberalismo autoritário evidencia muito fortemente a diferenciação abissal entre determinados grupos sociais e outros.

A obra apela para uma nova declaração cosmopolita insurgente de direitos e deveres humanos e lança pistas para uma transição paradigmática rumo a um novo modelo civilizacional. Arrisco afirmar, sem hesitação, que este é provavelmente o mais completo livro sobre a pandemia do novo coronavírus até aqui publicado.

Factos históricos e aportes conceituais e teóricos suportados por uma impressionante carga empírica tornam os argumentos de Santos altamente persuasivos. Este livro deve ser lido, não apenas porque nos ajuda a compreender mais e melhor a crise que a humanidade atravessa, mas sobretudo porque nos permite vislumbrar novas possibilidades humanas de vida coletiva e individual onde, parafraseando Rosa Luxemburgo, “sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”.

Revisto por Alina Timóteo

## **BOAVENTURA MONJANE**

Institute for Poverty, Land and Agrarian Studies, University of the Western Cape | Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane  
Private Bag X17, Bellville, 7535 Cape Town, South Africa  
Contacto: [bmonjane@uwc.ac.za](mailto:bmonjane@uwc.ac.za)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8944-629X>